Sua Presença em uma Casa Vazia

Ela não procura alguém para ajudá-la. Procura um espaço para si mesma.



Laura Bellini

Sua Presença em uma Casa Vazia

Ela não procura alguém para ajudá-la. Procura um espaço para si mesma.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903988

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As condições de uma porta aberta..... 11
Capítulo 2 - Um lugar à mesa 22
Capítulo 3 - Coisas que não podem ser mudadas de lugar..... 34
Capítulo 4 - Aquilo que não colocamos no papel..... 45
Capítulo 5 - O direito de dizer não 57
Capítulo 6 - A intimidade que escolhemos..... 67
Capítulo 7 - Nas entrelinhas 77
Capítulo 8 - Do outro lado do mundo dele 88
Capítulo 9 - O risco de compartilhar a mesa 99
Capítulo 10 - Uma noite sem pressa..... 110
Capítulo 11 - Nem tudo precisa ser compartilhado..... 121
Capítulo 12 - O preço das coisas não ditas 130
Capítulo 13 - As expectativas dos outros 142
Capítulo 14 - A verdade sem promessas.....152
Capítulo 15 - Tudo o que não dissemos 163
Capítulo 16 - O silêncio que tem significado 174
Capítulo 17 - A própria escolha.....184
Capítulo 18 - Não basta pedir desculpas.....194
Capítulo 19 - Um lugar para dois 204
Capítulo 20 - Uma casa para onde se deseja voltar.....214

INTRO

No primeiro dia em que fiquei realmente sozinha em casa, quebrei a fechadura da porta do quarto que deveria ser exclusivamente meu.

Não fiz aquilo por raiva. Pelo menos, não conscientemente. Simplesmente girei a chave com força demais, ouvi um estalo desagradável e fiquei segurando a cabeça de latão entre os dedos. O restante permaneceu preso na fechadura, como se a casa tivesse decidido expressar sua opinião sobre os meus planos.

— Perfeito — falei para o corredor vazio. — Vamos começar com sinceridade.

Eu tinha cinquenta anos, dois filhos adultos que já moravam por conta própria e um trabalho que amava o suficiente para não chamá-lo de fuga. Havia vinte e três anos eu trabalhava com restauração de móveis. Sabia distinguir os vestígios de um reparo antigo das junções originais da madeira, devolver a vida a um acabamento de goma-laca danificado e passar vários dias trabalhando pacientemente em um único detalhe de marchetaria. O que eu não sabia era responder aos conhecidos quando perguntavam o que pretendia fazer com aquela casa inteira, agora que meus filhos haviam se mudado.

A resposta, afinal, era simples.

Eu pretendia finalmente morar nela.

Não apenas dormir, cozinhar, lavar roupas e lembrar de todos os compromissos. Queria ocupar espaço sem precisar justificar minha presença pelas necessidades de outras pessoas. No antigo quarto da minha filha, planejei montar

um pequeno ateliê para restaurações delicadas. O quarto do meu filho se transformaria em uma biblioteca onde ninguém deixaria halteres em cima dos livros. E decidi abrir a antiga sala de jantar, até então utilizada principalmente nas comemorações familiares, para encontros de leitura entre os vizinhos.

Essa última ideia não significava que eu quisesse voltar a organizar a vida de todo mundo. Na minha concepção, as pessoas trariam seus próprios livros, seu próprio chá e até suas próprias cadeiras, caso faltassem lugares. Eu ofereceria o espaço, não minha disponibilidade a qualquer hora.

Pelo menos, era assim que o plano estava escrito no meu caderno novo.

O celular vibrou no parapeito da janela.

Regina, querida, você poderia preparar alguma coisa doce para o nosso primeiro encontro? — escreveu a senhora Halina, que morava na rua vizinha. Você tem mãos tão habilidosas!

Olhei para a mensagem e depois para a chave quebrada.

Durante anos, bastava alguém me chamar de prestativa para que eu assumisse mais uma responsabilidade. Mãos habilidosas significavam consertar, preparar, limpar, tomar conta de tudo. Mas, naquele dia, minhas mãos queriam segurar uma lixa, não uma assadeira de bolo.

Respondi que cada pessoa poderia levar alguma coisa.

Li minha resposta três vezes antes de enviá-la.

Do lado de fora, começava uma tarde de outubro. Nossa rua, nos arredores de Poznań, parecia tranquila, quase sonolenta. Folhas molhadas grudavam na calçada, e o

cheiro da fumaça das lareiras pairava por trás das cercas. A casa ficava na extremidade de uma pequena fileira de construções semelhantes, mas, durante vinte anos, estivera tão cheia de vozes que eu nunca havia prestado atenção à sua acústica. Agora, conseguia ouvir cada rangido da escada.

Desci até a sala de jantar levando o caderno e uma trena. No centro do cômodo estava a mesa de carvalho que havia pertencido aos meus pais. Tinha o tampo arranhado, uma das pernas ligeiramente mais escura e uma estrutura bonita e sólida. Eu não pretendia substituí-la. Perto da janela, uma estante vazia aguardava minha atenção. Eu a havia comprado por pouco dinheiro de uma biblioteca escolar que estava sendo desativada. Precisava ser limpa, ter duas prateleiras reforçadas e o painel traseiro consertado.

Eu adorava objetos assim. Eles não fingiam que nunca lhes havia acontecido nada.

Estendi a trena quando a campainha tocou.

Na varanda estava um homem que eu via de vez em quando do outro lado da rua. Reconheci os cabelos grisalhos, o casaco escuro e o hábito de andar com um livro debaixo do braço. Era alto, mas não tentava usar a altura para se impor sobre as pessoas. Permanecia meio passo afastado da porta, como alguém disposto a respeitar uma recusa.

— Regina Chmiel? — perguntou.

— Depende de quem está perguntando.

Ele sorriu devagar.

— Mirosław Borek. Moro no número dezessete. Halina comentou que a senhora está organizando encontros de leitura.

— Ela também contou que eu faço bolos?

— Não. Avisou que talvez a senhora não goste de visitas sem aviso.

— Nesse caso, foi a primeira vez que ela transmitiu uma informação com absoluta precisão.

Ele soltou uma risada discreta. Tinha a voz grave, com uma leve rouquidão que fazia até as frases mais comuns parecerem parte de uma conversa mais longa. Não me examinou de maneira inconveniente. Seus olhos passaram rapidamente pela trena na minha mão e depois pela porta aberta da sala de jantar.

— Trouxe uma proposta — disse, mostrando uma pasta fina. — Mas posso voltar em outro momento, se estiver atrapalhando.

Tive vontade de responder que estava atrapalhando. Não porque isso fosse verdade. Simplesmente porque, pela primeira vez em muito tempo, aquele dia pertencia inteiramente a mim, e eu ainda não sabia como defendê-lo.

— Cinco minutos — decidi.

Ele entrou, limpou cuidadosamente os sapatos no capacho e parou na entrada da sala de jantar. Percebi que observava a estante, mas não comentou sobre seu estado. Só depois de alguns instantes se aproximou.

— Que móvel bonito — disse.

— Está torto.

— Uma coisa não impede a outra.

Virei a cabeça para olhá-lo. Os homens que eu conhecia geralmente começavam perguntando se eu precisava de ajuda para carregar alguma coisa pesada. Aquele homem

contemplava a estante vazia como se imaginasse os livros que um dia ocupariam suas prateleiras.

— O senhor é marceneiro?

— Tradutor. Lido muito pior com madeira do que com palavras. Mas sei reconhecer uma coisa que alguém decidiu não jogar fora só porque deixou de parecer perfeita.

Não soube explicar por que aquela frase me fez parar. Talvez fosse a maneira como ele a pronunciou, sem tentar impressionar. Ou talvez fosse o fato de que, havia muito tempo, ninguém falava de imperfeições perto de mim sem sugerir que precisavam ser corrigidas imediatamente.

Mirosław colocou a pasta na beirada da mesa.

— Dona Halina está reunindo interessados nos encontros entre vizinhos. Pensei que poderíamos fazer algo além de uma única noite. Um pequeno clube de leitura, talvez uma troca de livros. Eu poderia cuidar dos textos, da escolha das leituras e do contato com as pessoas.

— E eu ficaria responsável pelo espaço, pelo chá, pela limpeza e por garantir que todo mundo saísse satisfeito?

Ele me observou com mais atenção.

— Não foi isso que eu disse.

— Eu sei. Essas coisas raramente precisam ser ditas.

Por um instante, ele permaneceu em silêncio. Não parecia ofendido. Parecia alguém tentando descobrir em que ponto havia dado um passo errado durante uma conversa aparentemente comum.

— A senhora tem razão. Precisamos definir as responsabilidades — respondeu, por fim. — Não vim procurar uma anfitriã.

— Então veio procurar quem?

Ele abriu a boca, mas a resposta não saiu imediatamente.

Aquela hesitação despertou minha curiosidade mais do que a pasta cuidadosamente preparada.

— Alguém que queira participar das decisões — respondeu, finalmente.

Olhei para a estante vazia e depois para as mãos dele, que descansavam tranquilamente sobre o tampo da mesa. Ele não mexia nas minhas anotações nem tentava espiar o caderno. Estava na casa de outra pessoa e me deixava o direito de determinar a distância entre nós.

— Seus cinco minutos acabaram — observei.

— Eu sei.

Ainda assim, ele não se moveu até que eu indicasse a porta. Então recolheu a pasta sem pressa.

— Posso deixar meu número de telefone? — perguntou. — A senhora não precisa decidir nada agora.

Entreguei-lhe uma caneta. Ele escreveu o número no verso de uma folha em branco e a colocou ao lado da trena. Sua letra era pequena, uniforme, com um "a" caracteristicamente aberto.

Ao sair, percebeu a fechadura danificada na porta do andar de cima.

— Algum problema? — perguntou.

— Meu — respondi.

Ele assentiu.

— Entendo. Até logo, dona Regina.

Quando fechei a porta depois que ele saiu, senti uma estranha sensação de que faltava alguma coisa. Ele não

havia tentado me convencer. Não se oferecera para consertar a fechadura nem garantira que tudo seria mais fácil se eu o deixasse tomar a frente das coisas. Havia deixado apenas uma proposta, da qual eu poderia gostar ou não.

Voltei à sala de jantar. Sobre a mesa estava o papel com o número de telefone, ao lado do meu planejamento desenhado até o último centímetro. Pela janela, vi Mirosław atravessando a rua. Ele parou perto de uma vizinha idosa, recolheu as maçãs que haviam caído da sacola dela, devolveu-lhe a bolsa e continuou andando. Não ficou esperando agradecimentos.

Deslizei o papel para mais perto do caderno.

Eu desejava uma casa onde ninguém precisasse de mim mais do que eu mesma estivesse disposta a oferecer. E, no entanto, pela primeira vez em muitas semanas, o silêncio já não me parecia apenas uma recompensa.

Fiquei parada diante da estante vazia, segurando entre os dedos o número de um homem que eu praticamente não conhecia, e me fiz uma pergunta que ainda não tinha coragem de responder:

Será que eu conseguiria deixar alguém entrar na minha vida sem lhe entregar, junto com isso, o espaço que estava apenas começando a reconquistar?

Capítulo 1 - As condições de uma porta aberta

Na manhã seguinte, descobri que a parte mais difícil de recuperar a própria vida não era tomar decisões. O mais difícil era suportar o fato de que as outras pessoas também tinham suas próprias ideias.

Dona Halina telefonou às oito e dezessete, justamente quando eu aplicava a primeira camada de goma-laca em uma cadeira restaurada. Atendi ao telefone com o cotovelo, porque estava com as duas mãos ocupadas e o aparelho descansava no parapeito da janela da oficina. Minha interlocutora não perdeu tempo com cumprimentos.

— Regininha, já temos oito pessoas! Na verdade, nove, porque dona Teresa quer trazer a irmã. Pensei que, já que vamos começar, seria melhor fazer tudo direitinho.

A palavra "direitinho", quando pronunciada por Halina, sempre significava que outra pessoa teria muito trabalho pela frente.

— Que ótimo — respondi com cautela. — Mas tínhamos combinado que primeiro conversaríamos sobre as regras.

— Exatamente por isso convoquei uma pequena reunião. Hoje, às cinco da tarde. Na sua casa, naturalmente, já que é lá que vai ficar nossa pequena biblioteca.

Interrompi o movimento da mão que segurava a boneca de polimento.

— Você convocou uma reunião na minha casa sem me pedir autorização?

— Ah, não fale nesse tom. Afinal, a iniciativa foi sua.

Olhei para a cadeira. A tonalidade escura da nogueira recuperava sua profundidade, e os pequenos arranhões desapareciam lentamente sob meus dedos. No trabalho com madeira, eu gostava da previsibilidade. Cada ação tinha uma consequência, cada erro deixava uma marca que podia ser compreendida. Com as pessoas, era diferente. Elas conseguiam transformar uma proposta sua em uma obrigação antes mesmo que você terminasse a frase.

— Halina, a reunião pode acontecer, mas não vou preparar nenhuma recepção. E, às cinco, preciso encerrar meu trabalho.

— Maravilha. Eu sabia que você concordaria.

Ela desligou antes que eu pudesse esclarecer exatamente com o que havia concordado.

Fiquei imóvel por alguns instantes. Depois deixei a boneca de polimento de lado, lavei as mãos e peguei meu caderno. Em uma página em branco, escrevi com letras grandes: "MINHAS REGRAS NÃO SÃO UM PEDIDO".

Não era uma frase particularmente elegante, mas me trouxe alívio.

Às cinco da tarde, havia seis pessoas sentadas na sala de jantar, duas em pé perto da janela, e dona Halina distribuía entusiasmada as xícaras que ela mesma havia tirado do meu armário. Trouxera um bolo de sementes de papoula, dona Teresa aparecera com biscoitos amanteigados, e o senhor Antoni, professor de história aposentado, chegara com uma sacola de livros e a convicção de que, sem os clássicos da literatura polonesa, todo aquele projeto não faria sentido.

Mirosław Borek foi o último a chegar.

Não usava o casaco que eu lembrava do dia anterior. Um suéter azul-marinho sobre uma camisa clara lhe dava uma

aparência menos formal e, ao mesmo tempo, mais interessante. Os fios grisalhos nas têmporas acentuavam os traços marcantes do rosto. Cumprimentou todos os presentes, mas fez um aceno de cabeça separado para mim, como se lembrasse que cabia a mim decidir se ele era bem-vindo.

— Trouxe apenas a mim mesmo — disse baixinho, quando lhe ofereci uma cadeira. — Achei mais seguro do que aparecer com outra pasta.

— Depende do que o senhor tem na cabeça.

— Infelizmente, muito mais coisas do que caberiam na pasta.

Sorri sem querer.

Halina bateu palmas.

— Queridos, vamos começar! Regina está nos oferecendo sua casa maravilhosa, Mirek entende de livros e eu vou cuidar da organização. Acho que encontros todas as quartas-feiras seriam perfeitos.

— Antes de decidirmos sobre as quartas-feiras, gostaria de esclarecer uma coisa — falei.

Todos os olhares se voltaram para mim.

Eu não era uma pessoa tímida. Administrava meu próprio negócio, negociava preços com clientes e sabia recusar um reparo irreversível até mesmo a um colecionador muito influente. Ainda assim, diante daquela mesa cheia de vizinhos, senti uma tensão familiar. Não se tratava de competência. Tratava-se de saber se eu tinha o direito de ser menos conveniente do que os outros esperavam.

— Quero que criemos um lugar para conversar sobre livros — comecei. — Mas esta continua sendo a minha casa.

Ela não ficará aberta sem limites. Os encontros poderão acontecer duas vezes por mês, não toda semana. Cada participante será responsável por deixar tudo limpo e organizado depois de usar o espaço. Não pretendo cozinhar nem preparar lanches para o grupo inteiro.

Halina ergueu as sobrancelhas.

— Regininha, ninguém está pensando em se aproveitar de você.

— Justamente por isso não deveria haver problema em estabelecer regras.

O silêncio tomou conta da sala.

Mirosław estava sentado à minha frente. Não sorria. Girava uma caneta entre os dedos, mas, quando nossos olhares se encontraram, colocou-a sobre a mesa.

— Regina tem razão — disse. — Só sugeriria irmos um passo além.

Preparei-me para uma objeção.

— Estou ouvindo.

— Se queremos que seja um projeto coletivo, não podemos baseá-lo exclusivamente na casa particular de uma pessoa. Precisamos de regras que permitam que a iniciativa continue funcionando mesmo quando a dona da casa quiser viajar, trabalhar ou simplesmente fechar a porta.

Aquilo parecia sensato. Sensato demais para que eu pudesse protestar imediatamente.

— O que o senhor sugere?

— Uma pequena equipe de organização. Três pessoas, responsáveis pelos encontros em sistema de revezamento. Podemos começar aqui, mas deveríamos procurar desde já

um segundo local, talvez uma sala disponibilizada pela associação de moradores.

Halina pareceu decepcionada.

— Mas aqui é tão aconchegante.

— Justamente por isso é fácil confundir a hospitalidade de alguém com um serviço permanente — respondeu Mirosław.

Observei-o com mais atenção.

Ele poderia simplesmente ter apoiado minhas condições. Em vez disso, acrescentara uma exigência própria, mais difícil: se queríamos criar algo coletivo, precisaríamos compartilhar as responsabilidades desde o início. E isso significava que eu não poderia decidir sozinha tudo o que aconteceria dentro do projeto.

— Não quero que outras pessoas comecem a mandar na minha casa — falei.

— E ninguém deveria fazer isso. Mas, se for um clube comunitário, os demais precisam ter o direito de participar da criação da programação. Caso contrário, seremos apenas convidados nas suas noites particulares.

— O senhor não parece ser alguém que aceita facilmente as regras dos outros.

— Depende de elas terem sido estabelecidas com bom senso.

Havia uma nota divertida em sua voz.

— E as minhas não são sensatas?

— São. E necessárias. Só ainda não estão completas.

Eu não me lembrava da última vez em que alguém havia discordado de mim sem despertar a necessidade de me

defender imediatamente. Mirosław não tentava vencer a conversa. Estava interessado em encontrar uma solução, mesmo que isso exigisse alguma concessão da minha parte.

O senhor Antoni inclinou-se sobre a mesa.

— Será que poderíamos decidir o que vamos ler? Porque, se começarmos pela organização, chegaremos a dezembro sem abrir um único livro.

Todos riram, e a tensão se dissipou.

Durante os quarenta minutos seguintes, conversamos sobre os detalhes. Teresa sugeriu uma troca de livros, Antoni propôs pequenas apresentações sobre autores escolhidos, e uma vizinha mais jovem, Marta, queria criar um grupo simples na internet. Halina, recuperando o entusiasmo, ofereceu-se para reunir sugestões de datas.

Mirosław anotava as decisões em uma folha, mas, de tempos em tempos, perguntava minha opinião. Não fazia isso de maneira ostensiva. Simplesmente se lembrava de que qualquer decisão relacionada à casa exigia meu consentimento.

Quando a conversa chegou à estante, dona Teresa sugeriu que seu cunhado poderia pintá-la rapidamente de branco.

— Não — respondi com uma brusquidão excessiva.

Todos ficaram em silêncio.

Aproximei-me do móvel e deslizei a mão pela lateral.

— Esta é uma estante antiga de madeira maciça. Tem pequenos danos, mas conserva a superfície original. A tinta branca esconderia tudo o que lhe dá personalidade. Posso restaurá-la, só preciso de tempo.

— Claro — disse Teresa, visivelmente constrangida. — Eu só queria ajudar.

— Eu sei. Desculpe pelo meu tom.

Mirosław se levantou e se aproximou.

— Quanto tempo?

— Alguns dias, se eu não tiver outros serviços.

— E se tiver?

— Então vai demorar mais.

— Perfeito. Podemos realizar o primeiro encontro sem que a estante esteja pronta.

Olhei para ele.

— Um ambiente inacabado não incomoda o senhor?

— O que me incomodaria seria alguém estragar um móvel de qualidade só para conseguir deixá-lo pronto até quinta-feira.

Por uma fração de segundo, estávamos próximos demais para que aquela conversa tivesse um caráter exclusivamente profissional. Senti o perfume dele, discreto, com notas de cedro e alguma coisa cítrica. Mirosław foi o primeiro a recuar, deixando espaço para mim.

Fez isso com tanta naturalidade que só alguns instantes depois percebi minha própria decepção.

Quando a reunião terminou, os vizinhos começaram a recolher a louça. Halina ainda tentou definir o cardápio do próximo encontro, mas Marta a lembrou dos nossos acordos. Observei a cena com uma satisfação silenciosa. Pela primeira vez, outra pessoa estava ajudando a preservar os limites que eu havia estabelecido.

Mirosław permaneceu junto à mesa, organizando as anotações.

— Gostaria de ver o que o senhor escreveu — falei.

Ele me entregou a folha.

No alto estava escrito: "Encontros de leitura — projeto coletivo". Abaixo, havia registrado as sugestões de datas, a divisão de responsabilidades e as questões que ainda precisavam ser decididas. Ao lado do meu nome, não aparecia a palavra "anfitriã". Em vez disso, escrevera: "Regina — espaço, mobiliário, decisões referentes à casa".

Ao lado do próprio nome, registrara: "Mirosław — programação, contato com os participantes, documentação".

— O senhor é muito organizado — observei.

— Deformação profissional. Um tradutor que não presta atenção aos significados pode causar um estrago considerável.

— E uma pessoa que presta atenção demais aos significados?

— Às vezes não percebe o que alguém está tentando dizer nas entrelinhas.

Ele olhou para mim e depois fechou o caderno.

Não sabia se aquela observação se referia a ele, a mim ou a nós dois.

— Não gosto de surpresas — falei.

— Percebi.

— E não pretendo abrir mão do meu ateliê nem mudar meus planos só porque alguém gostou da minha casa.

— Não espero que faça isso.

— Mesmo assim, o senhor está propondo algo sobre o qual não terei controle total.

Ele refletiu por alguns instantes antes de responder.

— Sim. Porque uma comunidade começa onde termina o direito exclusivo de uma pessoa de tomar todas as decisões. Mas sua casa continua sendo sua casa. São duas coisas diferentes.

Falava com tranquilidade. Não havia o menor traço de condescendência em sua voz. Era justamente isso que me fazia querer continuar discutindo, em vez de encerrar a conversa.

— O senhor sempre tem uma resposta pronta?

— Não. Ontem, por exemplo, não tive.

Lembrei-me da hesitação dele quando perguntei quem, afinal, estava procurando.

— E hoje também não tenho resposta para tudo — acrescentou.

Sorri.

— Talvez seja o começo de uma colaboração sensata.

— Isso soa como um elogio extraordinariamente cauteloso.

— É melhor se acostumar.

Acompanhei-o até a porta. Na soleira, ele parou como se quisesse dizer mais alguma coisa. Por um breve instante, percebi em seu rosto uma insegurança que não havia demonstrado antes.

— Tenho a tarde de sábado livre — começou. — Poderíamos conversar sobre os detalhes da programação.

Sem o grupo inteiro, será mais fácil definir o que nós dois esperamos.

— Trabalho aos sábados.

— Entendo.

Ele não perguntou a que horas eu terminaria. Não sugeriu que poderia passar na oficina. Em vez disso, estendeu a mão para pegar o casaco.

Aquela discrição era educada, mas, inesperadamente, me irritou.

— No domingo, depois das quatro da tarde, tenho tempo — falei.

Ele se virou.

— Domingo está ótimo para mim.

— Apenas assuntos de organização.

— Naturalmente.

Tinha aquele tipo de sorriso que não tirava a seriedade das palavras, mas fazia com que adquirissem um significado adicional.

Quando ele foi embora, permaneci por alguns instantes junto à porta, escutando seus passos se distanciarem. Não me sentia como uma mulher que acabara de aceitar mais uma obrigação com os vizinhos. Sentia-me como alguém que havia aberto uma pequena janela em um quarto que estava abafado havia muito tempo.

No dia seguinte, minha filha Natalia telefonou.

— Mãe, ouvi da dona Halina que você está organizando um clube de leitura. Parece que todo mundo está encantado.

— Todo mundo, menos eu, quando tentam decidir meus horários por mim.

Natalia riu.

— Então está tudo como sempre.

Fiquei em silêncio.

— Não, querida. É justamente isso que estou tentando mudar.

Houve uma breve pausa do outro lado da linha.

— Que bom — disse ela, por fim. — Muito bom mesmo.

Conversamos mais um pouco sobre o trabalho dela, o apartamento novo e os planos para o fim de semana. Quando desligamos, voltei à sala de jantar. As anotações de Mirosław ainda estavam sobre a mesa. Peguei a folha e li novamente.

Na margem inferior, ele havia acrescentado uma frase que eu não notara antes: "Nenhum encontro é mais importante do que o direito do anfitrião ao próprio tempo".

Não sabia se ele a escrevera para mim ou para si mesmo.

Mas sabia que pretendia perguntar sobre aquilo no domingo.

À noite, tentei ler, mas, a cada poucas páginas, meus pensamentos voltavam à conversa perto da estante. Não ao rosto dele, embora eu conseguisse recordá-lo sem nenhuma dificuldade. Nem mesmo à voz, que adquiria uma suavidade estranha quando ele deixava de argumentar.

Eu pensava no fato de que ele não tentara fazer com que eu me sentisse necessária.

E talvez fosse justamente por isso que eu estava começando a querer que ele voltasse.

Capítulo 2 - Um lugar à mesa

No domingo, às três e quarenta e cinco da tarde, eu estava diante do espelho do quarto, tentando entender por que escolher um suéter havia se transformado, de repente, em um problema tão grande.

Afinal, eu me encontraria com um vizinho para tratar de assuntos do clube de leitura. Não tinha marcado um encontro romântico, não planejava um jantar a dois e não pretendia impressionar um homem que conhecia havia apenas alguns dias. Mesmo assim, deixei de lado a blusa cinza de gola alta, porque me pareceu austera demais, e escolhi um suéter macio, cor de vinho, com um decote amplo.

Depois concluí que o simples fato de estar pensando naquilo era ridículo.

Felizmente, não havia ninguém para me cobrar explicações.

Mirosław tocou a campainha pontualmente às quatro. Dessa vez, trouxe uma sacola de papel e um pequeno livro de capa azul-marinho.

— Antes que a senhora proteste, não há aqui nada que precise ser preparado — disse ao me cumprimentar.

Olhei dentro da sacola. Dois pedaços de cheesecake em uma embalagem e chá de folhas soltas.

— O senhor trouxe um lanche?

— Trouxe sobremesa para duas pessoas. É uma diferença fundamental.

— Vejo que sabe usar qualquer formulação a seu favor.

— Tradutores podem ser perigosos.

Deixei-o entrar.

Não ofereci café imediatamente. Primeiro o conduzi à sala de jantar, onde havia espalhado sobre a mesa a planta do cômodo, uma lista dos materiais necessários e um esboço da disposição dos móveis. Percebi que ele examinava tudo com interesse genuíno.

— A senhora preparou um projeto — comentou.

— Gosto de saber para onde estou indo.

— E eu gosto de saber com quem estou indo.

Ergui os olhos do desenho.

— Esta deveria ser uma reunião de organização.

— E é justamente por uma questão de organização que estou tentando entender como a senhora trabalha.

Não tinha certeza se ele estava brincando. No entanto, uma sombra de sorriso surgiu em seu rosto, sugerindo que estava perfeitamente consciente do duplo sentido de suas palavras.

Sentamo-nos um de frente para o outro. Mirosław tirou seu caderno, e eu abri o meu, o mesmo em que dois dias antes havia escrito minha declaração sobre as regras pessoais. Felizmente, ele não olhou a primeira página.

— Gostaria que definíssemos um objetivo concreto — comecei. — Não tenho interesse em um clube que, depois de três encontros, se transforme em recepções sociais obrigatórias.

— Concordo. Proponho seis encontros experimentais. Dois por mês, com duração de noventa minutos. Cada um com uma pessoa designada para conduzir a conversa.